



Universidade Federal do Rio Grande – FURG

Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental

Revista do PCEA/FURG-RS

ISSN 1517-1256

Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental

A dialética na educação ambiental: elementos para pensar a prática docente

Raquel Biz Biral¹

Resumo: Este artigo resultou de pesquisa sobre a Educação Ambiental realizada em oito escolas, dos municípios de Santa Isabel do Oeste, Realeza, Capanema, Planalto, Pérola do Oeste, Pranchita, Bela Vista da Caroba e Ampére, pertencentes a região Sudoeste do Paraná, área de abrangência do Núcleo Regional de Educação de Francisco Beltrão. Trabalhamos com um diagnóstico da práxis da Educação Ambiental nas escolas. Os sujeitos participantes foram 228, destes, 186 são alunos de terceiro ano do Ensino Médio, uma turma por escola de cada município e 42 professores. Embasamos a pesquisa nos escritos de Gramsci sobre a escola, num propósito de entender a dinâmica da Educação Ambiental no que ela produz na relação com ela e com a sociedade.

Palavras-chave: Educação Ambiental, práxis, políticas-públicas.

The dialectic in environmental education: elements to think about teaching practice

Abstract: This article resulted from a research about the Environmental education realized in (8) eight schools, of the cities of Santa Isabel do Oeste, Realeza, Capanema, Planalto, Pérola do Oeste, Pranchita, Bela Vista da Caroba, and Ampere, belonging to the Southwest region of Paraná, including area of Francisco Beltrão's Regional Nucleus of Education. We work with a diagnosis of praxis of environmental education in the schools. The people that participated were 228, in these, 186 are students of third grade high school, a class for school of each city and 42 teachers. Follow in the research in the handwriting by Gramsci about the school, in a purpose to understand the dynamics of environmental education in that it produces in the relationship with itself and with the society.

Keywords: Environment Education, Praxis, Public policies.

¹ Professora Mestre Colaboradora na UTFPR-Campus de Pato Branco nos cursos de Química, Engenharia Civil e Elétrica e professora CLT - UNISEP-Francisco Beltrão e Dois Vizinhos nos cursos de Agronomia, Engenharia Civil e Engenharia da Produção. raquelbiz@yahoo.com.br

Introdução

Objetivamos com este artigo apresentar alguns pontos relevantes da pesquisa realizada nos anos de 2009 e 2010, no Programa de Mestrado em Geografia da Unioeste, campus de Francisco Beltrão-PR. Abordamos as práticas pedagógicas ambientais na escola e os possíveis pontos de estrangulamento na efetivação das ações ambientais, sob o ponto de vista dos professores e dos alunos.

Através dos escritos comentados por autores sobre Gramsci, apresentamos na filosofia da práxis como uma atitude crítica, interfere no trabalho do professor e na vida dos alunos. Esta reflexão tem por objetivo conduzir as discussões neste trabalho. A conduta metodológica, nesta proposta, é guiada pela concepção materialista-histórica. Nela, apresentamos as reflexões e proposições sobre Educação Ambiental, através da crença na transformação social. Uma educação inspirada nessas proposições é entendida como um empreendimento político, comprometido com a formação humanizadora a partir de princípios contextualizados com a realidade. Apresentamos como se configura a prática da Educação Ambiental nas escolas e para isto ouvimos os sujeitos que nela agem e manifestam suas condutas.

A práxis na escola: o que encontramos com nossa pesquisa

A importância atribuída à educação, no pensamento de Gramsci, mostra que ela, ocupa um lugar de destaque não por circunstâncias históricas, mas por ser um componente orgânico da teoria. Assim, para Tavares de Jesus (1985), duas fontes são comumente aceitas para explicar a presença da educação, de modo singular, em Gramsci: a) fonte ideológica, sua adesão aos postulados do marxismo-leninismo; b) fonte psicológica, as solicitações dos parentes para a solução de problemas escolares e seu constante empenho na educação dos filhos, sobrinhos e companheiros de prisão.

Se torna inviável falar de intelectuais e hegemonia sem falar em educação e escola, objeto de intensa preocupação gramsciana, por ser um aparelho privado de hegemonia, assim chamado ao lado de outras formas organizativas da sociedade civil. Apontamos algumas ideias na perspectiva da formação humana para a emancipação, tendo a escola como um espaço de desenvolvimento ideológico contra-hegemônico.

Segundo Tavares de Jesus (1985), nas afirmações de Gramsci em relação ao fator

educativo, principalmente nos Cadernos do Cárcere, é possível encontrar relação entre educação e estrutura, pela sua importância na reprodução das relações de produção e, entre educação e superestrutura como responsável pela criação de uma ideologia e de uma cultura dentro de determinada sociedade. Através dessa análise, é possível comprovar que as relações são orgânicas; não se pode compreender o processo educativo fora de uma relação hegemônica. A educação, em seus dois níveis, molecular e coletivo, constitui-se na superação do senso comum por sua função e sua natureza.

Em relação à educação, os escritos de Gramsci desenvolveram-se em torno de três temas: 1) o papel da educação como parte do processo da formação da hegemonia cultural nas sociedades capitalistas burguesas; 2) as possibilidades de educação formal e não-formal como lugares de formação de consciência revolucionária, contra-hegemonica anterior a qualquer transição revolucionária; e 3) os princípios que devem fundamentar a pedagogia socialista de uma sociedade pós-revolucionária.

Para Blanck Miguel (2002), em Gramsci, a fundamental tarefa da política educativa é substituir os intelectuais tradicionais por intelectuais orgânicos; a tarefa é assegurar que o “processo de maturação prossiga suavemente. Ele depende da ativa autodedicação de uma classe à sua própria autoeducação. Para o proletariado, esta significa o domínio das técnicas segundo as quais trabalhadores não qualificados tornaram-se qualificados, e a autotransformação que permita a cada cidadão governar ou pelo menos, colocar-se numa condição geral de alcançar esta competência.

O eixo de conexão entre a produção industrial e material e a produção cultural é por excelência a escola, exercendo função pedagógica de transmissão da herança cultural no campo das ciências exatas, das ciências humanas, do domínio da língua, e da aquisição dos hábitos de estudo e disciplina, necessários para a aquisição da cultura existente e produção de uma nova cultura.

Não somente a escola exerce a função pedagógica, outras organizações são capazes de contribuir para a formação do intelectual orgânico; assim, ele pensa nas contribuições que podem ser dadas pela família, pelas associações estudantis, associação de trabalhadores, sindicatos, jornais, organizações turísticas, entre outras. A conexão pedagógica faz-se mais evidente na escola, não apenas entre a cultura e a produção em geral, mas estas são inseparáveis numa perspectiva técnico/política, ou de um novo humanismo.

Para Mochcovitch (2001), aos intelectuais orgânicos cabe a missão de levar às massas a filosofia da práxis, articulando-a com a reflexão que é possível, através do chamado núcleo de

bom senso, a partir da prática cotidiana das massas e de sua experiência na luta política. Para Gramsci, todo esse movimento não pode existir sem a formação de uma camada de intelectuais que representa a união entre a teoria e a prática. Os intelectuais orgânicos não são apenas os grandes intelectuais, criadores de teorias, formuladores de estratégias políticas, mas aqueles que difundem a concepção de mundo revolucionária entre as classes subalternas.

Em Mochcovitch (2001), a camada social dos intelectuais desenvolve-se qualitativa e quantitativamente conforme a massa dos simplórios eleva-se a níveis superiores de cultura e ampliam seu círculo de influência, através de indivíduos, ou mesmo de grupos mais ou menos importantes no estrato dos intelectuais especializados. A forma mais elevada dessas camadas de intelectuais no mundo moderno é o partido político da classe operária, o intelectual coletivo.

Consoante Mochcovitch (2001), Gramsci diz que cabe a esses intelectuais a seguinte missão: 1) não se cansar jamais de repetir os próprios argumentos, a repetição é o meio didático mais eficaz para agir sobre a mentalidade popular; 2) trabalhar incessantemente para elevar intelectualmente camadas populares para dar-lhes personalidade, o que significa trabalhar na criação de novas elites de intelectuais que surjam diretamente da massa e que permaneçam em contato com ela. Esta segunda quando satisfeita, é a que poderá modificar o panorama ideológico de uma época.

Para Gramsci, não há filosofia que se estabeleça sem que ocorra a adesão das grandes massas às suas ideias, e também que não há superação de uma ordem intelectual e moral, ideias, valores e costumes, sem que os homens estejam convencidos por uma nova maneira de pensar e de sentir. Essa explicação proporciona importantes consequências, pois, uma filosofia populariza-se em senso comum ao ser indicada pelos aparelhos de hegemonia, definindo a mentalidade de uma época e adequando-se a uma determinada dominação.

Segundo Mochcovitch (2001), para Gramsci a filosofia da práxis não poderia ser rapidamente assimilada pelas classes subalternas em substituição às formas de consciência defasadas, marcadas pelo folclore popular. Em seus escritos, é notável sua preocupação com as formas de pensar e de sentir das classes subalternas. Gramsci busca refletir sobre os movimentos e tendências ideológicas e conquistas históricas do pensamento científico capazes de transformar o panorama de uma época, transformando a mentalidade e os valores do homem comum.

Para Gramsci, o Estado é o conjunto de órgãos por meio dos quais a hegemonia e a coerção da classe dominante são exercidas sobre as classes subalternas da sociedade e são asseguradas pelo exercício da função de domínio (desempenhada na sociedade política e envolve a coerção, em seus aspectos legais e mesmo policial-militar) e função hegemônica (cujo terreno

próprio de ação é a sociedade civil que busca obter o consenso e a adesão das classes subalternas, instituindo um bloco que reúne, numa harmonia historicamente provisória, as diversas forças sociais, promovendo a unificação ideológica e cultural da nação) do Estado.

Como mecanismo de superação à hegemonia e coerção das classes, Gramsci propõe a escola como elemento fundamental, pois segundo Nosella (2004), a escola de Gramsci é ancorada no trabalho, organicamente articulada com o trabalho intelectual. A escola unitária ou formação humanista ou de cultura geral tem a tarefa de inserir os jovens na atividade social, depois de tê-los elevado a certo grau de maturidade e capacidade para a criação intelectual e prática e a certa autonomia na orientação e na iniciativa. Tal maturidade requer que o Estado possa assumir as despesas que hoje estão a cargo da família. A inteira função de educação e formação das novas gerações deixa de ser privada e tornar-se pública, pois somente assim ela poderá abarcar todas as gerações, sem divisões de grupos ou classes sociais.

De acordo com Nosella (2004), Gramsci propõe uma educação que dê conta de gerar um cidadão capaz de identificar-se como individual e social, de tornar-se governante com condições de dirigir, comandar. Nesse processo pedagógico citado anteriormente, o compromisso com a formação integral do homem, que seja capaz de compreender, de refletir sobre si mesmo e sobre a sociedade na qual ele está inserido, como ser capaz de realizar intervenções profundas e radicais no seu interior, para que a ela seja justa e efetivamente humana.

Conforme Moraes (2004), em Gramsci, essa educação será possível através de duas perspectivas: 1) uma educação que dê ênfase a uma formação individual sólida e consistente; 2) uma educação que privilegie a ideia de massa, ou seja, de pensar não no sujeito individual, mas no sujeito coletivo.

Gramsci entende que o papel da educação não é apenas o de informar o educando, transmitindo-lhe um conhecimento sem nenhuma vinculação com a sua existência, mas de situar o indivíduo na sua história, formando-o em profundidade para que a sociedade à qual pertence seja muito mais sólida e consistente.

Segundo Moraes (2004), o homem gramsciano é um devenir histórico que se determina em cada momento da sua existência, nas suas relações entre a estrutura e a superestrutura, levando em consideração os outros homens e a natureza. O homem gramsciano - como sujeito histórico/como bloco histórico - é composto de elementos puramente subjetivos e individuais e de elementos de massa, objetivos ou materiais, com os

quais o indivíduo está em relação ativa. Transformar o mundo exterior significa fortalecer, desenvolver a si mesmo.

Gramsci entende que educar é obrigação do Estado e que a educação terá um papel revolucionário de provocar mudanças profundas na estrutura da sociedade. Para tanto, a escola é muito mais do que um currículo, um programa, um prédio; seus limites e possibilidades ultrapassam estes dados e se confunde com a própria história.

A escola deve ser responsável pela formação da consciência e dos valores fundamentais do humanismo capaz de gerar um homem forte, organizado para ser perseverante, resistente, educado para ser confiante, Gramsci acredita que a escola deve comprometer-se com a formação da consciência dos seus cidadãos e com a elevação cultural e moral das massas populares.

Para Moraes (2004), a perspectiva da escola é - em seu sentido unitário e ampliado com espírito filosófico - crítica, reflexiva, construtora de conceitos; um grande instrumento para o processo de transformação das estruturas da sociedade, contribuindo para a formação dos seus cidadãos; ferramenta necessária para a compreensão das suas contradições; propõem alternativas tendo em vista a sociedade transformada em suas bases estruturais.

A escola, isto é, a atividade educativa é somente uma fração da vida do aluno, o qual entra em contato tanto com a sociedade humana como com a do conhecimento, formando critérios a partir das fontes extraescolares muito mais importantes do que habitualmente se crê.

Conforme Moraes (2004) o homem nasce inserido em sua cotidianidade e, à medida que cresce, adquire as habilidades imprescindíveis para compreender o cotidiano social e interioriza padrões de comportamento, normas, valores, tradições, toda a cultura necessária à assimilação das relações sociais e dos conhecimentos do mundo. Essa realidade apresenta-se a ele como campo em que se exercita sua atividade prático-sensível, sobre a qual surgirá sua prática da realidade.

Do ponto de vista didático, Gramsci discute os métodos de elaboração da cultura e da consciência. Parte da premissa, segundo a qual, um modo de pensar não é inato e, por isso, depende de uma especialização adquirida. Procurando entender as mudanças históricas nos modos de pensar, nas crenças populares, nas opiniões, Gramsci afirma que essas mudanças não acontecem através de explosões rápidas e generalizações, mas são, ao contrário, fruto de um lento processo de persuasão. Por isso, o trabalho educativo de um centro homogêneo de cultura não pode limitar-se à simples enunciação teórica de um princípio metódico claro.

Gramsci sugere, como método didático para produzir mudanças no modo de pensar, a repetição paciente e sistemática, sem ser mecânica, material.

Assim, a atuação da escola, através de suas práticas de Educação Ambiental, como elemento de participação na sociedade, e meio de transformação age sobre os sujeitos que nela estão inseridos.

Nesta pesquisa buscamos compreender como as escolas desempenham seu papel na Educação Ambiental na visão dos professores; para tal perguntamos aos mesmos (42 professores no total) se **são realizadas atividades coletivas com outras áreas voltadas para a Educação Ambiental**. As respostas são apresentadas na Tabela 01:

Tabela 01 - Atividades de Educação Ambiental conjuntas com outras áreas de conhecimento

Colégios	Respostas	Justificativas relevantes
C1	04-SIM	Com Sociologia, Português através de palestras.
	04-NÃO	Porque sou PSS (professor contratado temporariamente).
C2	06-SIM	Projetos de proteção de fontes, entrega de panfletos, feira de ciências, Fera e Com ciência, Projeto Vale Saber com palestras, plantio de árvores em nascentes de 03 rios do município.
	03-NÃO	Sem continuidade, cada disciplina se organiza como pode.
C3	03-SIM	Com projeto envolvendo ações como coleta seletiva de lixo, ações de sensibilização e atitudes práticas no dia-a-dia: depósito seletivo de lixo, economia de água e energia, plantio de arvores no ambiente escolar e extraescolar, limpeza dos rios, preservação de nascentes. Palestras e ou para orientar.
	01-NÃO	Não justificou
C4	03-SIM	Através de trabalho em grupo, palestras, vídeos etc. Conferência Infante Juvenil pelo meio ambiente.
	06-NÃO	Falta tempo para planejar de forma integrada os conteúdos, condições estruturais para tal. OBS: fica a critério do professor relacionar a Educação Ambiental a um conteúdo que abra espaço para o tema.
C5	05-SIM	Gincanas recreativas, teatros, confecções de murais, concursos etc. Feira de ciências.
	01-NÃO	Algumas disciplinas procuram trabalhar mais no seu conteúdo específico, mas em conjunto não.
C6	04-SIM	Campanha de lixo que mobiliza toda a escola Santo Antão, coleta seletiva, campanhas de conscientização, projeto Preservar hoje para garantir o amanhã.
C7	01-SIM	Vídeos, palestras, leituras.
C8	01-NÃO	Raras atividades, faltam projetos

Fonte: Dados pesquisados por Raquel Biz Biral, 2009-2010.

Na tabela 01, 61,90% dos professores respondem que realizam atividades conjuntas com os demais professores; os demais professores não trabalham, isto é, 38,10%. Podemos destacar as escolas C2, C5 e C6 por apresentarem significativas justificativas dos trabalhos de Educação Ambiental realizados conjuntamente entre os professores das várias áreas do conhecimento.

Entre as justificativas que achamos relevantes, cabe-nos aqui destacar a justificativa da escola C1, que afirmou não realizar atividade de Educação Ambiental conjunta com as demais disciplinas por ser professor PSS (professor contratado temporariamente pelo estado). Podemos determinar uma dualidade nessa afirmação: de um lado, o fato de muitos professores contratados se aproveitarem por estarem em rotatividade para não assumir plenamente suas responsabilidades junto à escola, mas também, por outro, existe (no interior das escolas) grande preconceito por parte dos gestores e demais profissionais da educação para com esses professores temporários, ambos os fatos refletem de forma negativa no processo de atuação da escola junto à sociedade.

Também, consideramos relevante as respostas dos professores que dizem não ter tempo para preparar ou planejar atividades conjuntamente, pois as horas que os professores têm à disposição de preparação aulas não são suficientes para essa função, já que apenas 30% de sua carga horária é destinada a hora atividade. Quanto à justificativa de que são realizadas proteção de fontes, ou campanhas de lixo, podemos retomar as definições do quadro nº18 sobre as concepções da Educação Ambiental de Rodrigues e Silva, na Concepção Comportamental, que preconiza a relação entre a informação e a mudança do comportamento das pessoas.

Já na escola C5, a Feira de Ciências foi citada como uma atividade que é realizada conjuntamente entre as disciplinas, assim como na escola C6, com projetos de coleta de lixo e de conscientização que envolvem toda a escola. Quando perguntado aos alunos se há algum projeto de Educação Ambiental na escola os alunos da escola C5 confirmaram que são feitas as atividades citadas pelos professores; os alunos da C6 também confirmam a existência de uma Educação Ambiental de cunho Comportamental, conforme citamos anteriormente.

Quanto à participação dos professores em alguma atividade ou projeto de Educação Ambiental junto à escola, o número de participantes é expressivo, 71%. Apresentamos a seguir algumas de suas justificativas:

“Sim, relacionadas a resíduos produzidos no ambiente escolar e a integração da paisagem natural junto a artificial” (C1PD).

“Sim, Reciclagem de lixo, preservação de mananciais aquáticos (fui premiada em nível estadual), nessa escola não em outras; Projeto cidade limpa ajudei na sua implantação no município” (C1PG).

“Sim, Fera Com Ciência, que neste ano de 2009 seu tema foi cultura e tecnologia na preservação ambiental” (C2PC).

“Sim, Projeto Vale saber, em três escolas e na APAE com o agrinho. Desenvolvemos um projeto de reciclagem de lixo com o qual ficamos duas vezes em segundo lugar com o projeto em Curitiba recebendo premiação” (C2PG).

“Sim, Agenda 21, Fera Com Ciência, Conferência Infante Juvenil pelo Meio Ambiente” (C4PC).

“Sim, montagem de vídeos feitos pelos alunos, apresentações em telões” (C5PB).

“Sim, projeto Preservar hoje para garantir o amanhã, coleta seletiva” (C6PA).

As justificativas indicam que há entrosamento na realização de algumas atividades de Educação Ambiental nas escolas. Elas são condizentes com as afirmações na pesquisa (repostas ao questionário aplicado). Os professores participaram do Fera e Com Ciência realizando projetos ligados ao meio ambiente. No entanto, também apareceram as respostas negativas dos professores que não participam ou não fazem nada relacionado à Educação Ambiental; Listamos a seguir algumas de suas “justificativas”:

“Não, não tive oportunidade” (C1PA).

“Não, não foi ofertado nessa área” (C2PE).

“Não tenho conhecimento de escola de Ed. Ambiental” (C4PF).

“Não, pois este ano não tivemos tempo para elaborar algum projeto relacionado a este tema” (C4PG).

“Não, apenas produção textual sobre o tema” (C8PA).

Os professores demonstram total desconhecimento do PNEA, este plano que prevê a aplicação da Educação Ambiental em todas as áreas de conhecimento, juntamente com os conteúdos da grade curricular, além de estar nas Diretrizes Curriculares do Estado do Paraná. Nem mesmo as diretrizes são utilizadas em suas práticas educativas e isso se reflete na escola como um todo, resultando em sujeitos sem a criticidade.

Perguntamos aos professores **que atividades de Educação Ambiental costumam realizar em suas aulas**. Listamos as repostas a essa pergunta na tabela 02.

Tabela 02 - Atividades de Educação Ambiental

C1	Procura-se despertar nos alunos o respeito, o cuidado com a escola, principalmente com a sala de aula e os colegas; conscientizar tentando mostrar a realidade com leituras, debate e produção textual; é feito uma mescla com TV e filmes, livro didático, artigos jornais e revistas, folders, palestras pesquisas internet e cartazes. Trabalham-se esses conteúdos na 3ª série do EM; como o número de aulas é reduzido, fico somente com aulas expositivas e artigos de revistas e jornais.
C2	Alerta à turma quando percebo o lixo fora do seu destino, desorganização dos móveis no ambiente, poluição sonora e desordens, “maus modos” “virtudes” e “vícios” que degradam o ser humano enquanto essência e conseqüentemente contradizendo-se na busca de suas necessidades. Atividades de reciclagem aproveitamento do inútil e leitura de textos, artigos, jornais, folders seguido de debate e seminário. Filme: O dia depois de amanhã, seguido de debate e relatório. Diálogo dirigido frente aos problemas ambientais enfrentados e assistidos nos meios de comunicação.
C3	Realizadas atividades na escola: leituras formativas e informativas, elaboração de textos, quadrinhos, versos, paródias e os projetos já citados e, ainda, projetos comunitários buscando a conscientização dos alunos para a conservação da natureza e, ainda, ver as atividades que causam menos impactos ao ambiente natural. Buscamos organizar espaços que se encontram fora dos padrões ambientais (na cidade). Com cartazes fomos em dez espaços de maior circulação, pedindo atenção e falando sobre o meio ambiente (prefeitura, sindicato, rodoviária, bancos, comércio....)
C4	Palestras, debates, vídeos, revistas, visita a campo para coleta de dados sobre as questões ambientais locais, com entrevistas, filmagens, maquetes. Abordagem trazida para sala de aula com sugestões propostas pelos alunos para solucionar o problema, podendo ser representada através de maquete, lâmina, cartazes, esboçando o problema e propondo a solução. Atividades de pesquisa sobre Chuva Ácida, Efeito Estufa, Aquecimento Global, Poluição relacionada à queima de combustíveis, poluição da água, tratamento de água, reciclagem de lixo.
C5	Interpretação e produção textual, debates pesquisas e imagens ambientais de nosso município, desenhos para compartilhar informações, cartazes, perguntas e respostas, debates sobre conservação, reciclagem.
C6	Trabalhado ética, a globalização que questiona as ações do homem relacionando o conteúdo do meio ambiente. Realizando atividades que desenvolvam o educando através de atitudes em relação ao meio ambiente.
C7	Nenhuma
C8	Debates, leituras, produção de textos.

Fonte: Dados pesquisados por Raquel Biz Biral, 2009-2010.

Na análise da tabela anterior, podemos perceber que a preocupação dos professores em tratar da organização da sala de aula como atividade de Educação Ambiental está presente na maioria das escolas, mas o que mais nos chamou a atenção foi o fato de que, conjuntamente, praticamente não são realizadas atividades entre os professores, porém, isoladamente, a maioria ainda tem a preocupação de inserir a Educação Ambiental em suas aulas quando é oportuno, estando o assunto do lixo e da reciclagem em maior evidência na sala de aula, ou

seja, uma Educação Ambiental apenas comportamental.

Na escola C3, apesar de serem feitas leituras formativas e informativas, deparamo-nos com a resposta de que a escola procura organizar espaços que se encontram fora dos padrões ambientais (na cidade). E quais seriam esses “padrões ambientais”? E, ainda, na escola C4, são feitas visitas a campo para coleta de dados sobre as questões ambientais locais, com entrevistas, filmagens, maquetes; é feita a abordagem em sala de aula com sugestões propostas pelos alunos para solucionar o problema, podendo ser representada através de maquete, lâmina, cartazes, esboçando o problema e propondo a solução. É possível perceber uma participação mais ativa dos alunos nessa atividade, em que desenvolvem sua percepção para os problemas ligados ao meio ambiente em seu meio de vivência e convivência.

A escola C6 foi à única mencionar a abordagem da ética, da globalização, de questionar as ações do homem relacionando o conteúdo ao meio ambiente e realizando atividades que desenvolvam as atitudes do educando, o que poderia ser (conduzida a) uma prática de Educação Ambiental Crítica e Transformadora, já que leva em conta postura do educando.

Os professores procuram destacar, quando realizam atividades de Educação Ambiental, a conscientização através de campanhas ou projetos ligados à reciclagem de lixo e à água; então, perguntamos se **tem dificuldade para trabalhar Educação Ambiental com os alunos?** A grande maioria dos professores afirma não ter dificuldades em trabalhar Educação Ambiental (60%), o que nos leva a entender como uma maneira de negação em aceitar que não tem condições de trabalhar com o assunto, já que em outro momento, são listadas atividades realizadas na escola referentes à Educação Ambiental com 71% dos professores afirmando que participam de atividades.

Sobre **quais os conteúdos o professor costuma trabalhar abordando o Meio Ambiente e Educação Ambiental**, destacamos no quadro o que cada escola desenvolve nos conteúdos.

Tabela 3 - Conteúdos trabalhados nas escolas

C1	Biosfera, água, ar, solo, produção de alimentos.
C2	A Educação no campo e a desorganização dos aglomerados urbanos são referência com a falta de valores; a questão da água, a reciclagem, agrotóxicos e preservação do meio ambiente. Como produzir sem destruir mais do que já foi destruído, o aquecimento global.
C3	Água, terra, densidade demográfica, problemas sociais e culturais, qualquer conteúdo pode abordar o assunto. Preservação de rio, florestas, consumismo, desperdício, agricultura, lixo, agrotóxicos, florestas, etc. textos de jornais,

	revistas, o livro didático, poemas.
C4	A destruição do meio devido ao consumismo. Efeito Estufa, Ilhas de calor, Camada de Ozônio, Chuvas Ácidas, Aquecimento Global. Poluição da Água, Tratamento da Água, Reciclagem do Lixo, Poluição de forma geral.
C5	Interpretação dos textos relacionados ao meio ambiente. Saúde física e mental. Animais em extinção, zoo, preservação das espécies, importância do meio ambiente. A sociedade e a natureza. Água e mata ciliar.
C6	As mudanças ocorridas ao longo do tempo, quanto à utilização do meio ambiente em benefício do homem. Ética, globalização, capitalismo. Chuva ácida, química de materiais, análise de solo e agrotóxicos, tratamento de águas, aquecimento global.
C7	Nenhum.
C8	As produções de texto.

Fonte: Dados pesquisados por Raquel Biz Biral, 2009-2010.

Entre os conteúdos voltados para a Educação Ambiental e trabalhados nas escolas, a água é citada, na maioria deles, como um dos principais conteúdos, seguido do lixo e da reciclagem. Também em algumas escolas, como é o caso da C3 e C4, o consumismo é tratado como tema de grande importância junto aos demais conteúdos trabalhados pelos professores. No entanto, duas escolas destacam-se a C5, por citar a relação da sociedade-natureza como elemento fundamental que deve estar presente na prática dos professores junto ao Ensino Médio. E, a C6 ao abordar as mudanças ocorridas ao longo do tempo quanto à utilização do meio ambiente em benefício do homem. Essa mudança pode ser atribuída ao trabalho ou à utilização exercida pelo homem da natureza, numa práxis voltada ao seu bem estar.

Diante dos conteúdos apresentados no quadro nº05 **perguntamos se os professores têm dificuldade em trabalhar algum conteúdo específico em Educação Ambiental.** Um total de 55% dos professores afirmam não ter dificuldades em trabalhar Educação Ambiental em suas aulas, porém, 19% não responderam e 19% destes assumiram ter dificuldades em trabalhar conteúdos relacionados a água, mudanças climáticas e todas as poluições.

O que podemos perceber nas respostas dos professores é uma conduta evasiva, pois não admitem ter dificuldades em trabalhar a Educação Ambiental. Como exemplo disso, observamos o fato de que, os conteúdos água e poluição são citados na maioria das escolas como conteúdos importantes. No entanto, apenas 19% dos professores cita ter dificuldades com esses conteúdos; ou será que os professores não têm dificuldades nenhuma para trabalhar com a temática em suas aulas?

Procuramos saber **quais os principais problemas para a efetivação da Educação Ambiental na escola?** Listamos as respostas na tabela 04.

Tabela 04 - Problemas na efetivação da Educação Ambiental

C1	Maior conhecimento na área e capacidade de mudar. Alunos (eles precisam mudar e isso “eles” têm que querer, o seu meio (família) ajuda. Número de horas/aula na disciplina. Profissionais.	04 Não respondeu
C2	Formação específica, determinar metas a cumprir e cobrar rigorosamente de todos, desde o governo até as cidades mais comuns. Precisaria ter mais destaque em todas as disciplinas. Conscientização da sua importância. Vícios. Falta de profissionais que entendam do assunto. É necessário ensinar ou prestar atenção nas coisas desde a família para não ter problemas no escolar. Incentivo do governo. Pouco tempo disponível.	01 Não respondeu
C3	Falta de materiais e subsídios para práticas. Falta de tempo na grade. Não vejo dificuldades intransponíveis. Tudo é possível, embora, às vezes, não como planejamos.	
C4	A conscientização individual da preservação do meio. Acredito que o principal problema é o pouco tempo para a preparação das atividades como seminários, teatros, conferência. A questão organizacional. Falta de material para trabalhar em sala (folha sulfite, impressora, lâminas etc.) Os gastos são repassados aos alunos para efetivação dos trabalhos.	02 Não respondeu
C5	Cooperação de todos, educandos, educadores. Falta de informação, tempo para adequar conteúdos. Problemas de indisciplina e irresponsabilidade com o meio que é nosso patrimônio.	03 Não respondeu
C6	A falta de efetivação de uma política que esteja voltada aos mesmos interesses da escola. Os pais, porque é muito difícil mudar o pensamento dos mais idosos. A implementação dentro da matriz curricular. Na maior parte das vezes o tema trabalhado fica apenas na teoria.	
C7	Falta de acompanhamento de pessoas especializadas.	
C8	Falta de tempo (aulas).	

Fonte: Dados pesquisados por Raquel Biz Biral, 2009-2010.

A maioria dos problemas citados pelos professores resume-se à indisciplina dos alunos, à falta de tempo para preparar as atividades ou aulas, estruturais - condições de sair da escola com os alunos, e de formação. Muitos professores afirmam não possuir conhecimento para tratar do assunto, que sua formação não foi para trabalhar com essa temática. No entanto, sabemos da importância da atualização do conhecimento para os professores a fim adequar suas práticas com a realidade em constante mudança e avanços, inclusive, em termos de PNEA, cuja inserção está prevista no cotidiano da escola.

Quando perguntamos **quais as dificuldades para trabalhar atividades de Educação Ambiental na escola**, 17% dos professores não responderam, 83% afirmaram haver dificuldades como carga horária, pessoas habilitadas, cultura regional, os alunos, preocupação

em vencer os conteúdos da grade curricular.

Estes professores caracterizam-se como conteudistas, preocupados apenas em vencer os conteúdos sugeridos (a quantidade) sem rever as verdadeiras necessidades e o mais importante para os seus alunos (a qualidade), permitindo que a escola deixe de cumprir o seu real papel através de sua práxis junto à sociedade.

Na questão **como os professores percebem a satisfação ou não dos alunos ao trabalhar com a temática ambiental nas suas aulas**, as respostas foram espantosas: (24%) dos professores não responderam a questão; e, entre as respostas dos que responderam afirmativamente, destacamos:

“Pela pronta realização das atividades” (C1PD).

“Quando há discussões e sempre há quem defende e quem não defende por interesses (agricultura e indústrias)” (C2PF).

“A responsabilidade, a preocupação, o envolvimento e mudanças de atitudes” (C3PD).

“Quando trabalhado o meio ambiente nota-se muita argumentação por parte dos alunos, porém, como já vimos a falta ainda conscientização” (C4PE).

“Sentem-se incluídos no processo e começam a detectar vários tipos de problemas, desenvolvem uma consciência crítica, porém, em alguns casos o discurso é lindo, a prática falha” (C4PF).

“Eles acham que não é tão relevante, pois a maioria são despreocupados (sic) com o futuro” (C5PF).

“Pela sua participação ativa ou não durante as aulas e sua mudança ou não de atitude” (C6PA).

Perguntamos aos professores **se presenciaram ou vivenciaram mudança de atitude dos alunos como resultado do seu trabalho de Educação Ambiental**. Um total de 60% dos professores já presenciou ou vivenciou mudanças de atitudes quanto aos aspectos ambientais de seus alunos. Um número considerável, se confrontarmos os dados citados anteriormente, pois são mencionados a problemática com conteúdos e as dificuldades de formação por parte dos professores; 19% destes dizem não ter presenciado mudanças. As justificativas para as respostas de “não terem vivenciado mudança no comportamento dos alunos” foi:

“Não, porque não tive muito tempo” (C1PB).

“Não, pois nós trabalhamos muito pouco sobre o assunto” (C4PG).

“Não, dificilmente há mudanças imediata, talvez a longo prazo” (C4PD).

As respostas dos professores que presenciaram mudança no comportamento dos alunos foram:

“Sim, na questão dos resíduos da sala e na escola” (C1PD).

“Sim, não jogar lixo no chão, fechar melhor as torneiras para economizar água” (C2PC).

“Sim, o cuidado com o lixo e o desperdício de energia” (C2PG).

“Sim, sabemos que não atingimos a todos, porém, percebemos que os alunos mais conscientes e comprometidos com as causas socioambientais adotam posturas diferentes” (C4PF).

“Sim, já percebemos mudanças quando ao uso das lixeiras seletivas, uso das torneiras e sanitários, cuidado com horta e jardim” (C3PA).

Apesar de, em alguns momentos do processo de ensino os professores não verem os resultados de suas práticas, algumas mudanças no comportamento dos alunos, por menor que seja, pode ser percebida, por isso é importante que seja feita a avaliação de como está o processo de Educação Ambiental na escola. Agrupamos por escola o resultado e o apresentamos na tabela 05:

Tabela 05 - Avaliação dos professores do processo de Educação Ambiental na escola

C1	A melhor possível, embora ela deva ser uma constante. Um processo lento e contínuo. É preciso maior interdisciplinaridade. Há pouco envolvimento sobre o tema dentro da escola.	04-Não respondeu
C2	Por parte do administrativo é muito bom, mas por parte dos alunos não está sendo valorizado e precisamos cobrar isso. Ainda é muito insignificante, dada a abrangência e importância do assunto. Uma causa pra ser vista e encarada com mais intensidade. Está estacionado, desperta um problema que não é de alguns e sim de todos. Temos muito a fazer.	02-Não respondeu
C3	Precisa melhorar, mas já temos um bom começo.	
C4	Está caminhando mesmo que lentamente, mas, já notamos diversas ações sendo executadas. Percebo que sempre há professores abordando em seu conteúdo estas questões, pois faz parte do PPP da escola, da parte dos alunos está péssimo.	04-Não respondeu
C5	Acho que esse é um processo coletivo, precisamos do interesse de todos. A escola se esforça para conscientizar os alunos. “Nota 10”.	02-Não respondeu
C6	Deve haver formação continuada para todos, voltada as especificidades de cada disciplina. Deveria ser contemplada com mais ênfase por todas as disciplinas.	
C7	Não tem	
C8	Está muito devagar.	

Fonte: Dados pesquisados por Raquel Biz Biral 2009-2010

Os professores sabem da importância do cumprimento do PNEA, que consiste em elemento fundamental de condução e direcionamento da conduta da sociedade. Ainda há

muito a ser feito. Por isso perguntamos como pode ser definida a prática da Educação Ambiental na escola; que eles resumissem com uma palavra. As respostas foram: importante, atitude, conscientização, razoável, fraca, necessária, boa e educação. Cabe-nos destacar as respostas dos professores: um total de 17% deles consideram que a Educação Ambiental é importante em sua escola, seguida de 14% que acham que é conscientização. Houve também os professores que atribuíram uma palavra que define Educação Ambiental num sentido de avaliação de como está sendo conduzida em sua escola, 12% deles acham-na fraca e 10% acham-se razoável. Apenas 7% dos professores consideram que sua prática de Educação Ambiental está boa, seguido de 5% que a consideram necessária.

O que percebemos é que alguns têm interesse em vincular a Educação Ambiental às suas aulas, da forma como está proposta no PNEA, mas, na maioria dos casos, o que transparece é a falta de interesse por parte dos professores em trazer a temática para suas aulas, eximindo-se de seu papel através de justificativas banais como falta de tempo, recurso, incentivos por parte dos órgãos gestores, ou, até mesmo, por falta de interesse dos alunos. Ainda há muito a ser feito para que a Educação Ambiental encontre realmente seu lugar na escola e, assim, chegar aos demais setores da sociedade. Como ponto de partida a temática deve ser tratada com os professores, responsáveis por levar esse importante elemento na formação até os alunos.

Considerações finais

Gramsci propõe à educação que ela dê conta de gerar um cidadão capaz de identificar-se como individual e social, de tornar-se governante com condições de dirigir e comandar. Na teoria histórico-crítica, aporta a sua realização numa perspectiva transformadora e emancipatória, opondo-se as tendências pragmáticas e comportamentalistas. É uma perspectiva dialética de interação, numa práxis histórica da sociedade com a natureza. A práxis educativa é a que se enquadra no papel social da escola, em que o professor, através de seu trabalho realiza as transformações para a formação do aluno enquanto ser social numa perspectiva de entender e fomentar o trabalho docente. Essa práxis, no pensamento de Gramsci é um processo para trabalhar o núcleo do bom senso que existe no interior do senso comum, de modo a levar consciência, maior coerência e homogeneidade ao conhecimento. Razão importante, uma vez que dos professores sujeitos da pesquisa, 60% afirmaram ter dificuldades em trabalhar com a Educação Ambiental.

Para a maioria dos professores, a Educação Ambiental é um meio de conscientização dos alunos acerca dos problemas ambientais. No entanto, sentem-se incapazes ou sem condições de levar tal conhecimento aos alunos. Muitos professores afirmaram ter adquirido pouco conhecimento sobre o assunto na graduação. Talvez seja porque as universidades estiveram até o início do governo Lula, sem oferecer formação ou qualificação para a Educação Ambiental.

Existe um grande problema estrutural nas escolas impedindo, muitas vezes, que seja cumprido seu papel junto à sociedade, por reflexo da política aplicada no estado do Paraná, pois, em muitos momentos, os professores estão impossibilitados de desenvolver sua práxis da forma que gostariam por limitações como carga horária excessiva, já que não existe tempo suficiente para o preparo de atividades para suas aulas, grande rotatividade de professores na escola, preconceito com o regime de contrato de trabalho (exemplo o PSS) dentro das escolas, tempo gasto com o deslocamento dos professores que trabalham em mais de duas escolas, dificuldade de acompanhar a realidade de diferentes escolas, pois não podem participar das reuniões e planejamento de todas elas por incompatibilidade de horários e deficiências na formação inicial dos professores que estão na sala de aula.

Referencias

- DIAS, Genebaldo Freire. **Educação Ambiental: princípios e prática**. 3 ed. São Paulo: Gaia, 1994.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. **O Enfoque da Dialética Materialista Histórica na Pesquisa Educacional**. In: Metodologia da pesquisa educacional. 7 ed. São Paulo, Cortez, 2001.
- GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Os (des)caminhos do meio ambiente**. 14ª Ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a Organização da Cultura**. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.
- _____. **Cadernos do cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- LAYRARGUES, Philippe Pomier. (coord) **Identidades da Educação Ambiental brasileira**. Brasília: MMA, 2004.
- LEFF, Enrique. **Saber Ambiental**. 4ª Ed. São Paulo: Vozes, 2005.
- _____. **Epistemologia Ambiental**. 4ª Ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- _____. **Los nuevos actores del ambientalismo en el médio rural mexicano**. In: Ambiente e Sociedade, ano 1, n.2, 61-76, 1998.
- LOUREIRO, Carlos Frederico B. **Trajatória e Fundamentos da Educação Ambiental**. 2ªEd. São Paulo: Cortez, 2006.
- _____. **Sociedade e Meio Ambiente: a Educação Ambiental em debate**. São Paulo: Cortez, 2005.
- _____. B., LAYRARGUES, Philippe Pomier, CASTRO, Ronaldo Souza de (orgs.). **Pensamento complexo, dialética e Educação Ambiental**. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. et al. **Educação Ambiental: repensando o espaço da cidadania.** 3 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos.** São Paulo: Nova Cultural, 1987.

_____. **Formações Econômicas Pré-Capitalistas.** 5ª ed. São Paulo. Paz e Terra, 1986.

MOCHCOVITCH, Luna Galano. **Gramsci e a escola.** 3ª Ed. São Paulo: Ática, 2001.

NOSELLA, Paolo. **A Escola de Gramsci.** 3. Ed. São Paulo: Cortez, 2004.

PARANÁ. **DCEs - Diretrizes Curriculares do Estado do Paraná,** 2008.

PELIZZOLI, Marcelo Luis. **Correntes da Ética Ambiental.** Petrópolis-RJ: Vozes, 2003.

REIGOTA, Marcos. **Meio ambiente e representação social.** São Paulo: Cortez, 1991.

RODRIGUEZ, José Manuel Mateo; SILVA, Edson Vicente. **Educação Ambiental e desenvolvimento sustentável.** Fortaleza: UFC, 2009.

SORRENTINO, Marcos et al . **Educação Ambiental como política pública.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 2, 2005. Disponível em: www.scielo.br/pdf/ep/v31n2/a10v31n2.pdf - Acesso em: 08 de julho de 2010.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Filosofia da práxis.** CLACSO; São Paulo: Expressão Popular, 2007.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Projeto Político Pedagógico: Uma construção possível.** Cortez, 2001.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **A Formação Social da Mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1987.